



**NARRATIVAS DE ESPAÇO:  
relatos de viajantes e representações sobre ocupação territorial,  
agricultura e meio ambiente**

Diná Schmidt (PIBIC/CNPq-UNIOESTE), Méri Frotscher (Orientadora),  
e-mail: meri@rondotec.com.br .

Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Centro de Ciências Humanas,  
Educação e Letras/ Marechal Cândido Rondon, PR.

**Ciências Humanas/História**

**Palavras-chave:** literatura de viagem, representação, imperialismo.

**Resumo:** Nessa comunicação exploraremos o relato do engenheiro inglês Thomas P. Bigg-Whiter sobre a Província do Paraná, “Novo caminho no Brasil Meridional: a Província do Paraná. Três anos em suas florestas e campos”. O relato foi redigido durante sua permanência em território paranaense, como membro de uma expedição ferroviária, entre 1872 e 1875. Objetivamos discutir questões teórico-metodológicas pertinentes à análise desta fonte, a partir de reflexões do autor a respeito das práticas agrícolas e sobre as populações residentes nas regiões por ele visitadas. Mostramos como o universo de onde emerge o autor, a Inglaterra imperialista do século XIX, e o campo científico e tecnológico da época influenciam suas leituras. Nos ancoramos no conceito de *representação* desenvolvido por Roger Chartier (1988) e também utilizado por Mary Pratt (1999) em sua análise sobre relatos de viagens produzidos durante quase quatro séculos de expedições às Américas e à África. Mostramos como as críticas feitas por Whiter à população e às suas práticas, tidas como “atrasadas”, representam um conflito entre dois mundos de acentuadas diferenças e, além disso, um posicionamento de supremacia em relação ao outro.

**Introdução**

Nesse texto apresentaremos um recorte das discussões realizadas e conclusões alcançadas durante nossa pesquisa. A problemática que propomos discutir aqui aborda a forma como Bigg-Whiter se reporta às populações que observou durante seu percurso pela província paranaense entre 1872 e 1875, e as considerações que faz sobre as técnicas agrícolas por elas praticadas. Buscaremos perceber como os pressupostos sócio-culturais que carrega consigo, pautados no universo inglês do século XIX e em seu ofício, dialogam com a realidade com a qual o viajante se depara no interior do Paraná, construindo um universo de representações sobre o cenário observado. Discutiremos quais são esses pressupostos, que



elementos influenciam sua leitura, buscando mostrar como esse universo de representações se constrói ao longo do relato e como produz um conjunto de sentidos na relação entre os dois mundos, presentes no discurso do autor.

## **Materiais e métodos**

A fonte privilegiada é o relato de viagem produzido pelo autor citado, “Novo caminho no Brasil Meridional: a Província do Paraná. Três anos em suas florestas e campos”, produzido entre 1872 e 1875, período em que percorreu o solo paranaense como membro de uma expedição ferroviária denominada Paraná and Mato Grosso Survey Expedition, responsável por analisar a viabilidade de se construir uma estrada de ferro ligando o Paraná ao Mato Grosso. Serão realizados diálogos com bibliografia relacionada ao tema e à problemática.

Quanto aos pressupostos teórico-metodológicos, convém esclarecer que pautaremos a análise, prioritariamente, na noção de *representação* desenvolvido por Roger Chartier (1988). Considerando que nossa fonte constitui-se em uma obra literária que tem por objetivo apresentar determinada realidade ao público leitor inglês, por ele desconhecida, por meio de um intermediário, o autor, mostra-se pertinente ler tal obra como um relato sobre alteridades. Cabe a nós, historiadores, apontar como esse texto não é propriamente uma descrição da realidade e sim uma representação sobre ela, pautada nos pontos de vista de seu autor. Nesse sentido, a noção de representação mostra-se perfeitamente cabível:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinados pelos interesses de grupo que as forjam. *Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.* (CHARTIER, 1988, p.17. Grifo nosso)

Na discussão do relato de viagem enquanto fonte literária, utilizaremos de um diálogo com a autora canadense Mary Pratt, que, em seu livro *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação* (1999), analisa relatos de viajantes que percorreram a África e a América durante os últimos quatro séculos, pautando a discussão sobre o século XIX principalmente na relação entre as expedições estudadas e a política imperialista.

Pautaremos nossa discussão na análise do relato como uma representação produzida em meio aos interesses imperialistas que cercam a figura do viajante explorador.

## **Resultados e Discussão**

Na obra do autor, é perceptível a forma como representa o cenário e práticas da população e os elementos dos quais parte para construir suas



interpretações. Buscamos desconstruir a ideia de uma análise objetiva pretendida pelo autor.

Em fragmento no qual Bigg-Wither se refere à Colônia Teresa, habitada por imigrantes ingleses no interior do Paraná e que não obteve grande êxito, pode-se ler:

Embora o solo fosse muito fértil e o clima propício ao cultivo de frutas e legumes tropicais e temperados, não tentavam cultivar coisa alguma, nem mesmo o necessário à subsistência, como feijão, arroz e milho. Apesar de não terem em que se ocupar durante nove meses do ano, não se via uma horta no lugar [...] Ainda que o leite fosse abundante na colônia, não se conhecia a manteiga. (p.178)

Ao reportar-se às características do solo e do clima daquela região e, partindo disso, para analisar a situação das pessoas que ali viviam, transparece um olhar sobre a paisagem que busca as possibilidades de exploração e os potenciais econômicos. Tais expedições buscavam espaços que pudessem ser integrados ao processo produtivo capitalista que se consolidava na Inglaterra e que buscava se expandir. Imerso neste contexto do expansionismo inglês, o autor-engenheiro avalia o espaço nesse sentido. Pratt, ao analisar relatos produzidos por ingleses nesta época, tanto sobre a América quanto sobre a África, afirma:

(...) esses viajantes do século XIX eram frequentemente enviados para o novo continente por companhias de investidores europeus, como especialistas à procura de recursos exploráveis...(PRATT, 1999, p.253)

Referindo-se aos hábitos de trabalho da população, dizendo que passariam nove meses do ano sem nada fazer, o autor confere à população um caráter indolente e pouco previdente por não produzir sequer para se alimentar. A avaliação feita pelo autor remete a sua concepção de trabalho disciplinado e adaptado ao mundo industrializado inglês. Ela se conforma ao processo de disciplinarização do trabalho em curso na Inglaterra, regulamentado nas grandes cidades pelo relógio e pelas fábricas. Eram ritmos direcionados para a obtenção imediata de lucros, em razão da Revolução Industrial (THOMPSON, 198..). As atividades desenvolvidas pela população no Paraná nesse período, não faz sentido para o autor enquanto trabalho produtivo.

O processo de estabelecimento e desenvolvimento da colônia Santa Teresa não fora bem sucedido. Muitas famílias migraram para outras regiões, novas famílias não se interessavam em residir ali. O comércio era quase nulo, assim como a produção agrícola destinada ao comércio, bastante escassa. Dentre outros motivos, Bigg-Whiter atribui esse fracasso à falta de espírito trabalhador e empreendedor de sua população. Assim, uma região com recursos naturais fartos e potencial de desenvolvimento, segundo o autor, encontrava-se estagnada.



Os elementos discutidos mostram como Bigg-Whiter parte de seu universo para avaliar e representar o que observa, sem levar em consideração as especificidades daquela população e do local onde se encontra. Seu discurso pode ser desconstruído e relativizado, pois se trata de uma representação permeada por determinados preceitos e interesses.

### **Conclusões**

Verifica-se que Bigg-Whiter parte de suas concepções socioculturais, forjadas numa Inglaterra que consolida seu processo de industrialização e que busca expandir-se para outros territórios. Seu discurso possui uma função legitimadora, tanto de sua presença ali, como também da nação que representa. Ao falar deste lugar, confere-se o direito de observar, avaliar e intervir nesse meio, estendendo também esse direito à Inglaterra. As representações por ele construídas demonstram um contato entre dois mundos diferentes. O relato é construído a partir de uma hierarquização entre tais mundos, a qual subordina o Brasil, e não apenas o Paraná, à Inglaterra. O saber técnico do autor lhe dá autoridade para ditar as formas como deveriam se dar esse contato e a sua relação com o ambiente.

### **Referências**

BIGG-WHITER, Thomas P. **Novo caminho no Brasil meridional: a província do Paraná. Três anos em suas florestas e campos 1872/1875.** Rio de Janeiro, José Olympio; Curitiba, UFPR, 1974.

PRATT, Mary. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação.** Bauru, SP: EDUSC, 1999.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: Difel, 1988.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum: Estudos sobre cultura popular tradicional.** São Paulo: Companhia das Letras. 1998.